



LHM

AS DORES DE MULHERES NEGRAS TE COMOVEM? ESCRIVÊNCIAS SOBRE A MATERNIDADE SOLO EM “MARIA” E “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Bismark Fernandes Gomes da Silva* ¹

* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

e-mail: bisufcg@gmail.com

Isis Milreu* ²

* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

e-mail: imilreu@gmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva examinar a representação das mães negras na literatura evaristiana a partir das marcas da violência e da maternidade solo presentes na caracterização das personagens Maria e Benícia, protagonistas, respectivamente das narrativas “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, ambos os contos inseridos na coletânea *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo. Esse trabalho destaca como a autora utiliza a escrituragem para abordar as opressões de gênero e de raça denunciando as violências que atravessam os corpos das mulheres negras. Para desenvolver a nossa análise, o alicerce teórico dessa leitura abarcará os estudos desenvolvidos por Bourdieu (2017), Gonzalez (1982; 2020), hooks (2019), Mbembe (2018a; 2018b, 2020), Pacheco (2013), Vergès (2020), entre outros estudiosos que se debruçam sobre o assunto.

Palavras-chave: *Olhos d'água*. Escrituragem. Maternidade solo. Literatura afro-brasileira contemporânea. Conceição Evaristo.

Do The Pains of Black Women Touch You? “Escrituragens” About Solo Motherhood in “Maria” and “Zaíta Esqueceu de Guardar os Brinquedos”, by Conceição Evaristo

Abstract: This paper aims to examine the portrayal of black mothers in Conceição Evaristo's literature through the marks of violence and solo motherhood in the characterization of Maria and Benícia, characters respectively present in the short stories “Maria” and “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, both part of the collection *Olhos d'água* (2016). This work highlights how the author uses the “escrituragem” to address gender and racial oppression, denouncing the violence that pervades the bodies of black women. In order to develop this analysis, the theoretical framework of this reading includes studies developed by Bourdieu (2017), Gonzalez (1982; 2020), hooks (2019),

1 Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5034921891500504>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0299-5465>.

2 Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista. Professora de Literaturas Hispânicas na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8660552379109188>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9142-1406>.



Mbembe (2018a; 2018b, 2020), Pacheco (2013), Vergès (2020), among other scholars that investigate the subject.

Keywords: *Olhos d'água*. Escrivivência. Solo motherhood. Contemporary afro-brazilian literature. Conceição Evaristo.

Introdução

Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em uma favela da Zona Sul de Belo Horizonte, em Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. Oriunda de uma família numerosa, com nove irmãos, e de uma classe desfavorecida, foi a primeira de sua família a ter acesso à universidade. Sua mãe era lavadeira e, ainda criança, ela desempenhou a mesma atividade. Logo depois se tornou empregada doméstica, tendo que conciliar os estudos com o trabalho até formar-se professora, concluindo seu Curso Normal em 1971 no Instituto de Educação de Belo Horizonte, já aos 25 anos. Após a aprovação em um concurso para o magistério mudou-se para o Rio de Janeiro e graduou-se em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Posteriormente, fez mestrado em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Evaristo é escritora e ensaísta, sendo considerada uma das principais vozes da literatura nacional e afro-brasileira contemporâneas. A autora possui obras que são marcadas por severas críticas sociais nas quais expõe as dificuldades vividas pela população negra em uma sociedade racista, machista e de raízes coloniais escravocratas. Já publicou 7 livros: os romances *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006) e *Canção para ninar menino grande* (2018); o conto ilustrado *Macabéa, flor do mulungu* (2023) e as coletâneas *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) e *Olhos d'água* (2014).

Em seus poemas, contos e romances, a autora explora, de forma versátil, temas que evidenciam a discriminação racial, de gênero e de classe, entre outros assuntos relevantes. Também aborda em suas obras múltiplas trajetórias de sujeitos subalternizados (Spivak, 2010), nos alertando para as desigualdades presentes em nosso país. Para refletir sobre essas questões, selecionamos dois contos de *Olhos d'água* (2016), pois ambos trazem à tona temáticas necessárias para se (re)pensar o Brasil contemporâneo, dentre elas, a maternidade solo.



O referido livro foi inicialmente publicado em 2014 pela editora Pallas, constituindo a quinta obra de Conceição Evaristo. É composto por 15 narrativas que problematizam a exclusão social e a representação da população negra, nos quais “[...] sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira” (Gomes, 2016, p. 10). A coletânea recebeu, em 2015, o Prêmio Jabuti de Literatura na categoria contos. Evaristo traz em *Olhos d’água* (2016) assuntos, ainda, considerados tabus, como por exemplo, o estupro, temas relacionados ao racismo, o aborto, a violência urbana, identidade, pobreza, sexualidade, dentre outros.

Na citada antologia, Evaristo rompe com os lugares tradicionalmente reservados à mulher negra na sociedade, ou seja, os espaços de silenciamento e da homogeneização de suas subjetividades. Além disso, vai de encontro ao descarte das individualidades, pois representa experiências femininas plurais, rompendo com a perspectiva hegemônica masculina. Portanto, identificamos na obra mencionada um elenco de múltiplos personagens femininos que ganham visibilidade e são humanizados por meio de suas escrituras.

Por sua relevância histórico-cultural, dois contos dessa coletânea tornaram-se nosso objeto de estudo: “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Maria”, os quais representam o cotidiano de mães negras solo, dando voz a um grupo que foi historicamente silenciado. Assim, essas narrativas permitem uma aproximação com a realidade vivenciada por muitas brasileiras, mostrando personagens vítimas do racismo estrutural (Almeida, 2019) e da desigualdade de gênero (Carneiro, 2011). Nesses contos também se destacam as marcas da violência e das dores que afligem uma significativa parcela da população afro-brasileira.

Tendo em vista as considerações anteriores, destacamos que nos relatos supracitados, Evaristo constrói protagonistas mulheres e crianças negras em condições de subalternidade que são atravessadas por várias formas de violência. Assim, objetivamos analisar como estas problemáticas foram representadas pela autora e como as personagens Maria e Benícia, mães negras solo, são caracterizadas nessas narrativas.

Para atingir nosso propósito, o trabalho está organizado em três partes. Na primeira, refletimos sobre as características da obra de Evaristo e o conceito de Escrivência. Em seguida, examinamos, nas duas seções seguintes, respectivamente, os contos “Maria” e



“Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”. Nas considerações finais, comparamos como ambas as mães negras foram representadas nas citadas ficções evaristianas.

Considerações sobre as escritivências de Conceição Evaristo

Em *Geo-grafias insurgentes: corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da memória* de Conceição Evaristo, Queiroz (2017, p. 120) postula que “A escrita das mulheres negras é marcada pelas suas trajetórias socioespaciais e, portanto, as narrativas construídas estão ancoradas nas suas experiências. Esta dimensão se torna um ponto de partida para construir seus textos.”. Tal concepção pode ser adotada para compreender as obras de Conceição Evaristo, a qual construiu uma poética que denominou de escritivência e, inclusive, pode ser expandida para a leitura da escritura de outras autoras negras. A escritora explica que essa proposta,

[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escritivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Desse modo, a sua posição, enquanto mulher negra, aparece constantemente em suas composições literárias atreladas a sua ancestralidade, memórias de infância e trajetória socioespacial. Além disso, sua declaração explícita que uma das intenções da escritivência é denunciar as injustiças que afetam a população negra, dando voz aos oprimidos, por meio das narrativas que reforçam as experiências, sobretudo, das mulheres negras numa sociedade de estrutura racista e patriarcal.

Cabe registrar que a pesquisadora Cristiane Côrtes (2018, p.52), em “Diálogos sobre escritivência e silêncio”, afirma que a palavra escritivência é um neologismo facilmente compreensível. Afinal, se trata da junção da escrita e da experiência de vida, cuja proposta está presente em diversos textos ligados à literatura contemporânea.



Para Queiroz (2017, p.120), na produção evaristiana, “A ideia de escrevivência está relacionada com a produção de uma escrita que se baseia na trajetória socioespacial da escritora, uma vez que para seus textos ela leva elementos que fazem parte de sua vivência e de suas memórias enquanto mulher negra.” Dessa maneira, a escrevivência possibilita a criação de narrativas inovadoras, uma vez que Evaristo, enquanto mulher negra, recorre às suas experiências para dar voz a um grupo historicamente silenciado, de modo que, por meio do próprio discurso, reivindica, através da literatura, o direito a uma vida mais digna.

Em tese, sempre se conta algo para alguém acerca de determinado acontecimento, assumindo um aspecto memorialístico influenciado por sua trajetória socioespacial. Assim, a escrita evaristiana é marcada por sua memória afrodescendente, tanto individual quanto coletiva. A partir de suas narrativas, pode-se aprender sobre os mais diversos contextos, bem como analisar a complexidade das relações de poder situadas nos espaços ficcionalizados.

Nessa perspectiva, é possível perceber que a relação entre espaço, corpo e memória na obra de Evaristo é alicerçada pela oralidade. A escritora reflete sobre o assunto, declarando que “[...] creio que a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância” (Evaristo, 2020, p. 52). Dessa forma, o entrelaçamento de histórias orais e experiências de vida é uma marca relevante da escrita da autora.

O fato de Conceição narrar as vivências das mulheres negras de dentro dos espaços marginalizados é um dos fatores que Eduardo de Assis Duarte (2010, p. 127), no livro *Por um conceito de literatura afro-brasileira*, considera determinante para caracterizar a escrita afro-brasileira: o ponto de vista, ou seja, o lugar de enunciação da autora. Nessa perspectiva, Evaristo corrobora as discussões trazidas por Lélia Gonzales (2020) em “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica”, presente na obra *Por um feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*, destacando que as experiências e opressões vividas pelas mulheres negras se articulam de formas diferentes em relação àquelas que vivem no Norte Global e as mulheres afro-latino-americanas.

Duarte (2010) ainda elenca outros elementos dessa vertente: a autoria, a temática, a linguagem e o público. Separadamente, esses componentes são insuficientes. Entretanto, a partir da interação dinâmica desses cinco fatores, “[...] pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude” (Duarte, 2010, p. 135).



Por sua vez, Constância Lima Duarte (2020), se debruçou sobre as produções de Conceição Evaristo a partir da ótica da crítica feminista. A estudiosa explica que a escritora:

[...] constrói uma perspectiva que se fortalece no protagonismo feminino, pois é do seu ponto de vista que as histórias são contadas. Se, geralmente, nos textos assinados por mulheres costuma predominar a busca de identidade nas personagens, Evaristo trabalha incessantemente questões relacionadas ao “ser mulher” e ao “estar no mundo”, fortalecendo o sentimento de irmandade entre elas, com a peculiaridade de deixar marcado o seu lugar de fala enquanto negra, feminista, oriunda das classes populares (Duarte, 2010, p. 136).

Consideramos que esse lugar de enunciação nos parece crucial para compreender as narrativas evaristianas. A escrita de Conceição Evaristo, nesse sentido, é “[...] um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência” (Duarte, 2010, p. 122). Afinal, a autora se inspira no cotidiano da população negra, ficcionalizando experiências que partem de sua subjetividade, observações e afetos, fazendo com que sejam superados e, assim, passem a produzir novas vivências dando-lhes vida própria (Côrtes, 2018).

A intenção de abordar o cotidiano de afrodescendentes, apreendendo suas experiências registradas pela memória e pela ancestralidade, é o que torna possível aproximar o conceito de escrevivência de obras escritas por mulheres negras e percebê-lo como uma estratégia significativa que foi assumida por escrituras literárias que resgatam histórias de vida muitas vezes relegadas ao esquecimento e que precisam ser recontadas sob uma nova perspectiva (Fonseca, 2020). Nesse sentido, uma das características da literatura afro-brasileira é a procura por se afastar de linguagens, formas e temas hegemônicos (Duarte, 2010).

Eduardo de Assis Duarte (2014, p. 151), reflete acerca dessas questões na escrita de Conceição Evaristo. Para o crítico,

Em sua ficção, momentos da mais intensa candura são quebrados pela irrupção repentina da violência, tanto física quanto simbólica. E, ao contrário do que se vê em muitos autores, não busca Evaristo amenizar ou adocicar a dureza de um cotidiano marcado pelo tratamento o mais das vezes desumano de que são vítimas seus personagens. Do contraste ao sobressalto, as cenas ganham intensidade e chocam mais por seus efeitos do que pela exposição da violência em si. Tem-se, deste modo, o descarte tanto da brutalidade como espetáculo, quanto de sua naturalização como inerente ao processo histórico, ambas atitudes comuns nas representações midiáticas do negro (Duarte, 2014, p. 151).



Nessa ótica, podemos afirmar que a escrita evaristiana é contaminada pela angústia coletiva, que testemunha a banalização da morte, a opressão de classe, raça e gênero, uma vez que a maioria de seus personagens pertencem a grupos sociais oprimidos. Assim, sua origem se constitui como elemento fundamental na construção da representação do sujeito negro em diferentes contextos.

É importante assinalar as críticas feitas por Duarte (2018) à representação estereotipada da mulher negra na literatura brasileira, tais como a objetificação do corpo, a erotização que se une à sensualidade e desrepressão, bem como a ótica racista presente nessas narrativas. Em sua percepção, a literatura de autoria afro-brasileira, especialmente a escrita por mulheres negras, tal como a de Conceição Evaristo, subverte essa visão. Essa percepção nos recorda as afirmações de Gonzalez (2020), a qual constatou que no Brasil a mulher negra é objeto de tripla discriminação, oriunda das dimensões de classe, raça e gênero, criando os estereótipos apontados anteriormente.

Nesse sentido, ao penetrar na intimidade das personagens, a literatura evaristiana ressignifica o corpo feminino negro no espaço literário, fugindo dos estereótipos já elencados e humanizando esse grupo. Assim, a escritora

[...] vai além da ação e dos *coups de théâtre*, pois devota a seus personagens um respeito que não se vê na “literatura negra” acostumada à exploração da violência pela violência. Um respeito que nasce de dentro, da identificação com o Outro e com sua humanidade (Duarte, 2018, p. 218).

Esse olhar sensível é uma das marcas dos escritos de Conceição Evaristo. Também é importante assinalar que “Tópicos relativos à maternidade e à paternidade estão presentes em quase todas as narrativas da autora [...]” (Duarte, 2018, p.216). Nessa perspectiva, destacam-se os contos “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Consideramos que as personagens Maria e Benícia que protagonizam as citadas ficções podem ser lidas como representações de mães negras solo que nos convidam a uma reflexão mais ampla e profunda acerca da maternidade e das violências que atravessam esse grupo. Partindo dessa premissa, examinaremos a caracterização das mencionadas personagens no presente estudo.

A pesquisadora Ana Claudia Pacheco, em *Mulher negra: afetividade e solidão* (2013), pontua que essa realidade é uma vivência que acontece de forma solitária, sendo ainda mais comum entre as camadas mais pobres. Em sua opinião, são violências que vão se somando



e formam matrizes de opressões interseccionais. Observamos que estas questões estão sendo ficcionalizadas por diversas autoras negras brasileiras contemporâneas.

Acreditamos que não é casual que as escritoras afrodescendentes tenham se destacado na ficcionalização da dura realidade das mulheres negras do Brasil. Assim, é importante assinalar que a escrevivência não se trata de uma escrita de si, pois esta ideia se esgotaria no próprio sujeito e ela carrega as vivências coletivas da população negra, as quais são projetadas em diferentes espaços.

Tendo em vista essas considerações, nos próximos tópicos desenvolveremos uma leitura dos contos citados, analisando a representação de duas mães solo: Maria e Benícia.

Lincha! Lincha! Lincha!...A vida de Maria importa?

No conto “Maria”, Conceição Evaristo constrói a história de uma empregada doméstica negra, trabalhadora e mãe solo de três filhos, a qual, após uma rotina de trabalho cansativa, depara-se com uma situação violenta e perde sua vida ao ser acusada de participação em um assalto no ônibus em que voltava para casa. O relato é feito por um narrador em terceira pessoa que acompanha as últimas horas da protagonista em um ônibus, local em que se situa a maior parte da trama.

A ação narrativa se inicia com Maria aguardando o ônibus durante mais de meia hora em um ponto próximo ao seu trabalho. Tal acontecimento expõe um, dentre os muitos problemas que assolam a vida da população negra brasileira, ou seja, sua vivência em áreas periféricas. Para Costa Pinto (1998), a segregação residencial com base na raça é uma das dimensões da discriminação racial, que impede que certos grupos, historicamente oprimidos, residam em localidades reservadas à população privilegiada economicamente. Nessa perspectiva, Santos (2012, p. 28) evidencia que pensar sobre “[...] questões urbanas e racismo nos desafia a olhar as manifestações e expressões concretas e subjetivas do racismo no espaço urbano, o que é também, por outro lado, utilizar o espaço urbano como chave de compreensão do racismo”.

Esses espaços são carregados de estereótipos, corroborando com a consolidação de preconceitos e estigmas dos sujeitos ali inseridos. Conseqüentemente, residir/sobreviver em locais estigmatizados e marcados por contínuas referências negativas pode acarretar até mesmo em condições limitadas de acesso a bens e serviços essenciais oferecidos pelos



órgãos públicos e privados. Esta situação é ficcionalizada quando o narrador descreve a volta da protagonista para sua casa, informando que ela

[...] estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada (Evaristo, 2016, p.39).

A passagem acima também destaca a exaustão da personagem, ilustrando o que Françoise Vergès (2020), em *Um feminismo decolonial*, chama de desgaste dos corpos racializados e esgotamento de suas forças. Para a autora, as mulheres que exercem trabalhos pesados, tal como a limpeza, são extremamente exploradas e isso se reflete em seu constante cansaço. Este assunto já foi abordado por Gonzalez (2020), que problematizou uma pauta importante na agenda feminista hegemônica, postulando a necessidade de construção de um feminismo afro-latino-americano que se debruçaria sobre os problemas das mulheres negras. Segundo a estudiosa, a linha entre a esfera doméstica e o mundo do trabalho sempre permaneceu imprecisa para as afrodescendentes, de modo que suas representações sociais foram de mucama à mulata profissional, de mãe preta à doméstica, sempre ligadas ao cuidado e ao servilismo.

Sobre os problemas espaciais que atravessam a vida de Maria, Campos (2006) destaca que os centros urbanos não foram planejados para as classes menos favorecidas. Por isso, o transporte “público” é ineficiente e incompatível com a renda de muitos trabalhadores, como podemos perceber na citação anterior. Consequentemente, os pobres, sobretudo uma parcela significativa da população negra, sofrem com a desestruturação urbana. Em outras palavras,

Hoje, já não temos as senzalas, com suas correntes e chicotes nas mãos dos capatazes prontos para açoitar, mas, temos outro tipo de castigo: as atividades mais penosas, o preconceito e a discriminação racial, os piores lugares para se morar – as favelas, as ocupações irregulares situadas em áreas de risco (Barreto, 2010, p. 23).

Logo, é necessário chamarmos a atenção para a segregação espacial urbana circunscrita à questão racial. Por esse motivo, o espaço torna-se um recurso essencial, pois “Uma sociedade construída de enclaves territoriais fortificados e de privilégios históricos ilegítimos, frutos da usurpação de espaços e dos grupos subalternizados, fabrica o medo



urbano como proteção e expressão do racismo” (Oliveira, 2017, p. 80). Nessa perspectiva, a antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (1982) expõe e distingue a divisão existente entre o lugar da população branca e o da população negra em nosso país. A autora explica que

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural no negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (Gonzalez, 1982, p. 15).

Dessa maneira, percebe-se que o isolamento da população negra nos espaços segregados da cidade é desejado não só pelas classes mais abastadas, mas também pelo próprio Estado. Evidentemente, essa divisão causa sérios danos às relações humanas socioespaciais, afinal

No Brasil, a convivência é mais próxima, porém de uma profunda distância social e geográfica. A segregação traz consigo a *ubiquidade espacial latente*, segundo a qual grupos diferentes dividem espaço, porém não se misturam, nem mesmo quando dividem o mesmo teto na relação senhor/escravo ou patrão/doméstico(a), cada um com seu papel social. Segregar significa pôr de lado, separar, segundo nos diz a etimologia da palavra; então a expressão pode ser referenciada tanto no mesmo espaço como em espaços diferentes (Campos, 2006, p. 303).

Em “Maria”, a segregação é evidenciada quando o narrador descreve que

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço (Evaristo, 2016, p. 39).

Portanto, é notável que, na mencionada ocasião, a participação da protagonista no evento foi restrita ao trabalho árduo, o que enfatiza a desigualdade na relação de patrão/doméstico(a) vivenciada por ela. Além disso, o acesso da personagem apenas aos restos dos alimentos expõe a profunda distância entre os papéis sociais de cada um, evidenciando o lugar secundário da personagem na estrutura social racista. Também é importante assinalar que o fato de Maria estar feliz com as sobras revela a constante preocupação de alimentar sua prole, bem como sua pobreza.



Ainda somos informados que “Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz” (Evaristo, 2016, p. 39). Esse dado aumenta o valor simbólico da gorjeta que ela recebeu e expõe sua urgência de chegar em casa o mais rápido possível para que pudesse dar assistência e atenção aos meninos.

A personagem também reflete sobre as características do alimento que estava levando para seus garotos: “As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iram gostar de melão?” (Evaristo, 2016, p. 39-40). Nessa passagem, percebemos a preocupação da mãe solo em agradar os seus filhos e alimentá-los bem.

Quando o transporte coletivo finalmente chega, Maria, ao entrar “[...] sentou-se na frente. O homem sentou-se ao seu lado” (Evaristo, 2016, p. 40). Trata-se do pai do primeiro de seus três filhos, o seu ex-companheiro. O encontro gera na personagem várias recordações: “Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele” (Evaristo, 2016, p. 40). Percebe-se que a protagonista é acometida pela saudade ao recordar os momentos de alegria que um dia eles compartilharam. Porém, logo surge um questionamento: “Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes?” (Evaristo, 2016, p. 40). Essa lamentação também é compartilhada pelo ex-companheiro que indaga:

E o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! (Evaristo, 2016, p.40).

A passagem supracitada, além de expor os sentimentos íntimos dos personagens, também evidencia um fator importante apontado por Pacheco (2013): a solidão da mulher negra. Sobre esta temática, bell hooks (2010, n.p.) afirma que “[...] muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor.” Ao refletir sobre a representação desse assunto no conto evaristiano, inferimos que a imagem estereotipada da mulher negra como objeto sexual dificultou a construção de um relacionamento sério e duradouro para a



protagonista. Dessa maneira, Maria representa muitas afrodescendentes que não são vistas socialmente como sujeitos dignos de ser amados, uma vez que os marcadores sociais de raça e gênero ainda influenciam a solidão de grande parte desse grupo.

Como sabemos, algumas marcas da violência colonial estão expressas nas cidades brasileiras, mas isso não ocorre apenas nesses territórios, dado que também podemos identificá-la nas mais diversas formas de interação social em nosso cotidiano, como é o caso do racismo. Nessa perspectiva,

[...] o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo. Vocês compreendem, em consequência, a importância – eu ia dizer a importância vital – do racismo no exercício de um poder assim: é a condição para que se possa exercer o direito de matar. Se o poder de normalização quer exercer o velho direito soberano de matar, ele tem de passar pelo racismo. E se, inversamente, um poder de soberania, ou seja, um poder que tem direito de vida e de morte, quer funcionar com os instrumentos, com os mecanismos, com a tecnologia da normalização, ele também tem de passar pelo racismo. É claro, por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição etc (Foucault apud Oliveira, 2017, p. 81).

A tensão da realidade supracitada aparece na narrativa quando Maria é acusada de ser cúmplice dos assaltantes apenas pelo fato de ela ser negra, reforçando assim o racismo estrutural, conforme verificamos no fragmento abaixo:

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois (Evaristo, 2016, p. 41).

Desse modo, a injusta incriminação da qual Maria foi vítima é claramente motivada por questões raciais, pois seu acusador faz referência a sua cor de maneira pejorativa. Essa situação provoca alguns questionamentos: o que leva as pessoas a culparem a protagonista de estar de coleio com os assaltantes? Será apenas o fato de perceberem um diálogo entre ela e um dos homens envolvidos no assalto ou o motivo está relacionado com a cor de sua pele? Nesse sentido, essas perguntas problematizam a violência do citado episódio, evidenciando a influência de fatores racistas no julgamento das personagens inseridas no contexto da narrativa.



Durante o mencionado acontecimento, um passageiro defende a protagonista, argumentando: “Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também” (Evaristo, 2016, p. 41). No entanto, a explicação não foi suficiente para resolver o conflito e Maria voltou a ser acusada, como podemos perceber na seguinte passagem: “A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria” (Evaristo, 2016, p. 42). Assim, nota-se que o pré-julgamento do personagem, mais uma vez, reforça que a protagonista não só foi acusada do envolvimento no assalto, mas também foi condenada por ser mulher, negra e pobre, marcadores sociais que evidenciam o seu lugar em uma sociedade machista, racista e classista. Afinal, trata-se de uma mãe negra solo que lutava para criar seus três filhos sem nenhuma ajuda ou assistência.

Em seguida, diante da absurda situação de injustiça, Maria responde as acusações e tenta se justificar, declarando: “Que merda! Não conhecia assaltante algum” (Evaristo, 2016, p. 42). Porém, apesar de justificativa, escuta a seguinte resposta: “Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher” (Evaristo, 2016, p. 42). É possível perceber que a fala da protagonista não foi considerada, ignorando a presunção de sua inocência. Além disso, ela é punida fisicamente por ousar se defender sendo uma mulher negra. Nesse sentido, o episódio explicita a tensão racial vivenciada cotidianamente por muitas afrodescendentes que ainda são inferiorizadas na nossa sociedade. Atualmente,

Os negros são postos como os *ladinos* (aqueles que aprenderam o seu lugar na estrutura espacial racista) e os *boçais* (os que não sabem, mas irão aprender – por bem ou por mal – o seu lugar na estrutura racista). Esta catarse racista tem ganhado dimensão espacial nas ruas das cidades brasileiras (Oliveira, 2017, p. 90).

Como exposto na citação acima, Maria ao confrontar o sujeito que lhe acusava, abala a estrutura hegemônica racista e passa a ser enquadrada no espectro dos *boçais*, ou seja, pessoas negras que vão aprender por bem ou por mal o seu lugar na estrutura racial, como aponta Oliveira (2017). Assim, sua aprendizagem ocorre via exercício do necropoder, visto que os “Os justicamentos revelam o exercício da necropolítica³ pelos aparatos privados da hegemonia/supremacia racial” (Oliveira, 2017, p. 90). O pensador camaronês Achille

³ O filósofo Achille Mbembe (2018a; 2018b; 2020) sustenta que, ao contrário da biopolítica, que se preocupa com a preservação da vida, a necropolítica se concentra na utilização da morte como meio de impor controle e poder sobre certos grupos sociais, em particular, as minorias e populações marginalizadas. O conceito abrange as políticas e práticas políticas que regem e controlam quem deve viver e morrer.



Mbembe (2020) define o necropoder como uma forma de exercer o poder que não somente controla a vida das pessoas, mas também controla e decide quem vive e quem morre. Em síntese, ele foca não somente na preservação da vida, mas também na gestão da morte como uma tática política (Mbembe, 2018a, 2018b, 2020).

Percebemos que esta problemática é ficcionalizada em “Maria” quando o motorista para o ônibus e faz o seguinte apelo: “Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos” (Evaristo, 2016, p. 42). No entanto, mesmo a personagem tendo uma testemunha ao seu favor, esse fato foi ignorado, tornando ainda mais visível a incoerência das acusações e a prática da necropolítica. Logo, a protagonista recebe sua sentença de morte: “[...] Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria” (Evaristo, 2016, p.42). Assim, realizaram “justiça” com as próprias mãos, decidindo que a personagem deveria morrer sem direito a defesa.

É importante destacar que as práticas de linchamento têm emergido no Brasil em diferentes intensidades e contribuído com a promoção de ataques racistas no espaço urbano. Martins (1995) aponta que há dois tipos de modalidades de justicamento: *mob lynching* e *vigilantismo*. Notamos que ambos vêm crescendo no contexto brasileiro. Entretanto, neste estudo vamos nos deter apenas na categoria *mob lynching*, pois se relaciona com a situação de violência e dor vivenciada pela protagonista do conto analisado.

Cabe frisar que *Mob lynching* são “[...] grupos que se organizam súbita e espontaneamente para justicar rapidamente uma pessoa que pode ser ou não ser culpada do delito que lhe atribuem” (Martins apud Oliveira, 2017, p. 91). Essa ação de justicamento é representada no conto, sobretudo na seguinte passagem: “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão” (Evaristo, 2016, p.42). Dessa maneira, nota-se que os passageiros se imbuíram dos papéis de juízes e carrascos, desconsiderando a possibilidade de a personagem ser inocente.

Oliveira (2017, p. 91) explica que “As motivações racistas deste tipo de violência marcam tanto o consciente quanto o inconsciente coletivo dos praticantes.” Diante disso, a violência representada no conto, a qual também está presente na nossa realidade cotidiana, pode ser entendida como a legitimação de práticas e discursos racistas. Com



efeito, isso se materializa no espaço urbano brasileiro, sendo disseminado em virtude da existência do racismo que boa parte da população brasileira reproduz ao rotular o/a negro/negra como signo de pobreza, violência e perigo. Assim, busca estabelecer um “complexo de autoridade” entre os agressores e “complexo de inferioridade e dependência” das vítimas (Fanon apud Oliveira, 2017), validado por vários segmentos midiáticos.

Uma das formas da necropolítica refere-se ao extermínio material dos corpos julgados como descartáveis e supérfluos, o que remete a uma vida matável e sem valor (Mbembe, 2018a). Essa maneira de violência é narrada no conto, como podemos perceber no seguinte fragmento:

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (Evaristo, 2016, p.42).

A morte de Maria, como destacado na citação acima, vai além de um “engano”, colocando em evidência uma mulher mãe negra solo diante do julgamento social que, injustamente, recai sobre ela. Tal situação, representa a permissividade da violência sobre o corpo da população negra. A personagem, perante os passageiros que a violentaram, possui uma vida irrelevante que se torna passível de ser julgada até no ônibus, segundo a perspectiva racista.

Consideramos necessário ampliar o horizonte de análise da tragédia do linchamento da protagonista. Sem dúvida, a vivência de uma mãe negra solo, bem como a exploração do trabalho doméstico realizado por Maria, são exemplos dos resquícios da colonialidade na sociedade contemporânea, a qual não é apenas uma recordação do passado, mas faz parte de nosso cotidiano e consiste em um elemento fundamental da modernidade (Acosta, 2016). Ao discernir esses processos decorrentes da colonização, Quijano (2005) apresenta o conceito de colonialidade como uma maneira de repensar as relações de poder que se deram por meio do colonialismo, do capitalismo e da modernidade. Para o estudioso esta terminologia é caracterizada pela persistência do pensamento colonial e pelo apagamento dos povos e culturas tradicionais, mesmo após o término desse regime.



Paradoxalmente, os pensamentos da personagem durante o linchamento humanizam-na em meio ao ato bárbaro praticado pelos passageiros. Assim, enquanto o seu corpo é agredido, ela pensa em seus filhos: “A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (Evaristo, 2016, p. 42). Além disso, preocupa-se em voltar logo para seu lar, pois “O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado” (Evaristo, 2016, p. 42).

Enquanto a protagonista é humanizada, somos informados que os passageiros “Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida” (Evaristo, 2016, p. 42). Nesse sentido, o significado atribuído ao objeto, faca a laser, está relacionado à hierarquia racial que segrega de forma violenta a população negra, percebida diante da descrição da morte de Maria, na qual se evidencia seu corpo dilacerado, ao passo que o ferimento (corte) expõe as dores de viver na subalternidade. Desse modo, trata-se de um símbolo cuja dimensão social não pode ser ignorada porque essa situação revela o lugar de vulnerabilidade ocupado pela personagem. Portanto, ter a vida cortada pela faca a laser significa estar sujeita à dor das desigualdades e dificuldades vividas.

É possível observar que no conto “Maria”, Evaristo (2016) representa a sonegação de direitos básicos das mulheres negras pobres, expondo as precárias condições de vida experienciadas nas áreas periféricas das cidades brasileiras. Logo, é perceptível que a autora problematiza o cotidiano de uma mãe negra solo na ficção, evidenciando como as opressões raciais e de gênero podem até levar ao seu extermínio.

No que se refere a maternidade negra no Brasil, as representações sociais da “mãe preta” constituíram, historicamente, concepções em torno da simbologia de devoção, fidelidade e servilismo (Roncador, 2011). Dessa maneira, tal pensamento, influenciado pelo mito da democracia racial, teve como uma das consequências a precariedade do trabalho das mulheres-mães pretas, que em grande parte das cidades brasileiras “ [...]deixam o cuidado dos seus filhos a cargo de uma rede de cuidado familiar e/ou comunitária para cuidar dos filhos da classe média e das elites do país” (Araújo, 2019, p.40).

A figura da mãe-preta é a representação da mulher negra doméstica, tal como a protagonista do conto, que tem sua relação com os filhos apartada, pois necessita trabalhar para sustentá-los. De acordo com Araújo (2019), atualmente muitas famílias são chefiadas por mulheres. No final da leitura do conto, é inevitável nos perguntarmos sobre os destinos



dos três filhos da protagonista que se tornaram repentinamente órfãos de mãe, a qual assumia sozinha os seus cuidados. Historicamente, sabemos que a população negra sofre com a alta incidência de violências e homicídios, enfrentando a precária infraestrutura urbana e o racismo estrutural. É importante registrar que

As comunidades da diáspora negra são vítimas preferenciais de processos socioestruturais relacionados que resultam de uma política pública ativa (como é o caso da brutalidade policial) ou passiva (da qual a assistência médica inadequada é um exemplo), que tem como desfecho a precarização e abreviação das suas vidas (Vargas, 2010, p. 44).

Nessa perspectiva, o linchamento de Maria representa e espelha comportamentos questionáveis de uma sociedade classista, machista, racista e de raízes coloniais escravocratas, na qual, a necropolítica é naturalizada. Para muitos, o linchamento da protagonista pode ser visto como apenas mais uma morte que vai entrar para a estatística que atravessa esse grupo, colocando-os como indivíduos sem histórias, identidades e relevância social (Oliveira, 2017).

Ademais, conforme aponta Abdias Nascimento (2016), a mulher negra sofre com as reminiscências da estrutura patriarcal herdada de Portugal, visto que ainda hoje, ela continua a ser uma vítima fácil e vulnerável a qualquer agressão, sendo desumanizadas. Assim, a situação de violência da protagonista representa um grave problema social.

Contraopondo-se aos mencionados estereótipos, a narrativa de Evaristo humaniza Maria e, conseqüentemente, apresenta outras imagens da mulher negra. Cabe frisar que a caracterização da personagem rompe com a representação de uma mãe-preta vinculada ao passado escravocrata, bastante presente na literatura nacional no século XIX e em parte do século XX, conforme aponta Deiab (2006). Dessa forma, Evaristo afasta-se da memória afetiva criada por tal representação ao denunciar a precariedade das relações afetivas e de trabalho vivenciadas pelas mulheres-mãe-negras, além de evidenciar a vulnerabilidade de suas vidas.

Benícia: como carregar o peso da solidão?

Em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, Conceição Evaristo conta a história de duas irmãs gêmeas, Naíta e Zaíta. A narrativa expõe a aflição sentida pelas duas garotas



que viviam constantemente sendo ameaçadas pela mãe, Benícia, pois ela ficava furiosa quando as meninas não guardavam os brinquedos. O espaço no qual se passa a trama é uma favela de um centro urbano, marcado pela pobreza, e, principalmente, pela violência. A ação narrativa inicia-se com a personagem Zaíta brincando sozinha e descobrindo que sua figurinha preferida havia sumido. Somos informados que a menina

[...] espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro. A irmã de Zaíta há muito tempo desejava o desenho e vivia propondo uma troca. Zaíta não aceitava. A outra, com certeza, pensou Zaíta, havia apanhado a figurinha-flor (Evaristo, 2016, p. 71).

O conto gira em torno da busca incansável da criança por esta figurinha. Primeiramente em seu barraco,

A menina recolheu tudo meio sem graça. Levantou-se e foi lá no outro cômodo da casa voltando com uma caixa de papelão. [...] Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. [...] Procurou pela irmã nos fundos da casa e, desapontada, só encontrou o vazio (Evaristo, 2016, p. 71-73).

Em seguida, tendo fracassado em sua busca, e notado a ausência da sua irmã, Zaíta saiu à sua procura pela vizinhança, percorrendo os barracos da favela. Também somos informados que ela “Chorava. Algumas pessoas conhecidas perguntavam o porquê de ela estar tão longe de casa. A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse” (EVARISTO, 2016, p. 74). Em seguida, o narrador nos apresenta o contexto deste núcleo familiar relatando que

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaizinhas (Evaristo, 2016, p. 72).

Constatamos que Benícia é uma mulher negra, pobre e que sustenta sozinha a casa com quatro filhos, situação que gera um grande cansaço físico e mental na personagem. Essa mãe solo assume todas as responsabilidades financeiras e de cuidado com o lar e a família,



trabalhando arduamente para conseguir sustentar suas duas filhas pequenas e ajudar seus dois filhos mais velhos. Além disso, precisa comprar comida, organizar a casa e lidar sozinha com muitas incertezas da vida cotidiana. Essas características da personagem, dialogam com as ideias de Gonzalez (2020), que aponta a articulação entre o racismo e o sexismo como estruturas de opressões que afetam o exercício da maternidade, uma vez que muitas mulheres negras precisam abdicar de cuidar de si na maior parte do tempo.

Consideramos que as atribuições da criação de filhos deveriam ser divididas, mas, muitas vezes, isso não ocorre, pois a figura do parceiro/pai não está presente na educação da prole e não há outra pessoa que coopere com a manutenção e as despesas do lar, conforme evidencia a narrativa evaristiana. O seguinte fragmento do conto revela que “O pai dele e do irmão mais velho gastava seu pouco tempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nunca trazia o bolso cheio” (Evaristo, 2016, p.73-74). Assim, Benícia encontra-se sobrecarregada, visto que os pais não cumprem a obrigação de sustentar financeiramente os filhos.

O papel social de maternidade solo presente na narrativa alude à realidade de muitas mulheres brasileiras, as quais, geralmente, precisam lidar de forma solitária com as demandas geradas no lar. Portanto, a maior parte das responsabilidades relacionadas ao cuidado continua a ser exercida pelas mulheres. Esse imaginário social é reforçado pela naturalização desse discurso direcionado ao grupo em questão. Nesse sentido, a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em sua obra *Para Educar Crianças Feministas: um manifesto* (2017), nos alerta para a necessidade de uma educação igualitária na família. Em seu livro, a escritora questiona a naturalização da responsabilização de todas as demandas ligadas ao cuidado da família continuarem dirigidas às mulheres.

Na ficção evaristiana, a exaustão de Benícia é registrada na seguinte passagem:

A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguiria comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. O primeiro filho nunca pedia dinheiro, mas ela sabia que ele precisava. E sem que o segundo soubesse, Benícia colocava uns trocadinhos debaixo do travesseiro para ele, quando ele vinha do quartel. Havia também o aluguel, a taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco (Evaristo, 2016, p.74-75).



Percebemos que tais demandas violentam a personagem que se auto explora para garantir as necessidades de seus filhos e demais parentes, angustiando-se diante das incertezas do futuro. Essa violência também impacta o tratamento agressivo dado às filhas, decorrente do acúmulo de responsabilidades solitárias dessa criação, como aponta hooks (2019, p. 99): “Em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social.” Notamos que a protagonista reproduz a violência da qual é vítima em sua relação com as filhas.

Nesse contexto, é possível compreender a solidão da personagem enquanto violência simbólica devido à sua sobrecarga. Cabe frisar que, historicamente, a incumbência da educação da/os filhas/os e as atividades do lar são direcionadas apenas à mulher, criando-se uma ideia de que o sucesso ou o fracasso da família depende exclusivamente dela. O sociólogo Pierre Bourdieu (2017), em sua obra *A dominação masculina*, discute este assunto. Para o estudioso, trata-se de uma

Violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2017, p. 12).

No conto evaristiano, a solidão vivida por Benícia pode ser entendida como uma forma de controle social de outras questões que atravessam a sua vida, segundo a perspectiva de hooks (2019). Assim, é possível considerar que a personagem é vítima da violência simbólica, pois enfrenta uma carga sobre-humana de atividades e situações desgastantes no seu cotidiano, as quais são agravadas pela naturalização dessa exploração.

Interessa-nos assinalar que a solidão vivenciada por Benícia não está relacionada apenas à dimensão amorosa de sua vida, uma vez que a personagem convive com outros problemas que abarcam vários aspectos sociais. Dentre eles, destacamos a precariedade do vínculo empregatício, a moradia insalubre e o baixíssimo salário que a impedem de ter acesso a momentos de convívio com outras pessoas fora do núcleo familiar e do trabalho, bem como ao lazer.

Nessa ótica, o discurso que atrela a mulher, principalmente, negra, à resiliência, pode negligenciar os conflitos psicológicos e sociais decorrentes dessas frustrações. Inclusive, Benícia cogita aceitar dinheiro da criminalidade, oriundo das atividades do segundo filho, para conseguir manter a casa, como podemos ver na passagem a seguir:



A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele. Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda (Evaristo, 2016, p.75).

Essas reflexões, somavam-se a uma possível sensação de culpa por ter, supostamente, “fracassado” com seu segundo filho devido a sua visão da criminalidade como um meio para alcançar uma possível ascensão social. Vale a pena destacar que essa carga mental é um peso extra atribuído às mulheres na sociedade patriarcal. Afinal, a socialização dos filhos, na maioria dos casos, constitui tarefa tradicionalmente atribuída apenas às mulheres. Tal condição faz com que a mulher ao desempenhar uma função remunerada fora do lar, sinta a sobrecarga, consequente do acúmulo de tarefas e responsabilidades inculcadas a ela, gerando estresse e esgotamento físico e mental (Saffioti, 1987).

No caso de Benícia, estes problemas deixam-na emocionalmente desestabilizada e demora para sentir falta das duas filhas, sem perceber que elas haviam saído de casa há um tempo considerável. A princípio, se aflige, mas depois é acometida pela raiva. Nota-se mais uma vez uma oscilação de seus sentimentos, como podemos perceber neste fragmento:

Não ouvia a voz das duas há algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. Sentiu certo temor. Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda! Todos os dias tinha que falar a mesma coisa! Onde as duas haviam se metido? Por que tinham deixado tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados (Evaristo, 2016, p.75).

Ao pensar nas várias formas de solidão da mulher negra, é preciso refletir sobre os impactos das violências simbólicas vividas por esse grupo. A título de ilustração deste problema, Pacheco (2013, p. 69) constata que no estado da Bahia, “[...] boa parte dessas mulheres negras, religiosas e pobres, vivia ‘solitária’, não tinham maridos para dividir as despesas da casa e nem a responsabilidade na educação com os filhos.” Acreditamos que essa problemática não é exclusividade do referido estado, mas sim uma realidade de muitas afrodescendentes brasileiras. Nessa perspectiva, precisamos entender que a violência simbólica que Benícia sofre se mantém quando o racismo não é compreendido. Por isso, é



importante aprofundar a percepção dessa situação. Afinal, o racismo está inscrito em gestos e ações, e sentir-se só, no caso da mulher negra, pode configurar mais uma forma de violência (Bourdieu, 2017).

Para entender a violência simbólica sofrida pela personagem, é importante compreender as questões atreladas às relações de gênero, raça e classe, enfatizando como ela opera na interseccionalidade (Akotirene, 2019). A caracterização de Benícia nos faz refletir sobre o esgotamento dos corpos das mães negras solo, apontando o perigo das normatizações do sistema tradicional de ideias que “constituem o ser mulher”. Como destaca Vergès (2020, p. 19), “O proprietário do corpo invisível é uma mulher negra, cujo esgotamento é a consequência da lógica histórica do extrativismo que construiu a acumulação primitiva do capital – extração de trabalho dos corpos racializados e das terras colonizadas.” Dessa maneira, identificar o cansaço que a personagem sente não é eximi-la de responsabilidades, mas reconhecer a urgência de humanizar essas mulheres.

No conto de Evaristo, Benícia é uma mulher mãe negra solo que habita a favela, sofre com a dominação da branquitude (Bento, 2022) e trabalha todos os dias para sustentar sua família sozinha. A noção de branquitude está associada a um sistema que valoriza o homem branco em detrimento dos outros. Ao refletir sobre a branquitude, foca-se nas dimensões do privilégio branco e nos benefícios simbólicos que garantem e mantêm a autoestima e o autoconceito positivo do corpo branco e de suas linguagens, enquanto há desvalorização dos outros corpos (Bento, 2020). Desse modo, a descrição do cotidiano da personagem denuncia os descasos e violências que uma mulher negra brasileira pode sofrer durante sua vida.

Considerações finais

Observamos que Conceição Evaristo (2016) nos contos “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” ilustra como muitas mulheres mães negras solo ainda sofrem violências físicas e simbólicas diariamente. A autora utiliza a escrevivência para abordar as inúmeras opressões sofridas por esse grupo, denunciando as violências que atravessam os corpos racializados. Ao permitir uma aproximação com a realidade vivenciada por essas mulheres no espaço urbano brasileiro, a escrita evaristiana expõe personagens vítimas do racismo estrutural (Almeida, 2019) e da desigualdade de gênero (Carneiro, 2011).



Na representação das personagens Maria e Benícia nas narrativas, manifestam-se as marcas das violências e das dores que afligem essa parcela da população afro-brasileira. O racismo e a violência de gênero podem ser vistos na forma como Maria é silenciada, acusada e assassinada. Já a representação de Benícia nos faz refletir sobre o esgotamento das mães negras solo. Desse modo, é importante destacar as contribuições de Gonzalez (2020) a partir do conceito de feminismo afro-latino-americano, que ressalta que as experiências compartilhadas pelas mulheres negras vão além da escravidão, do racismo e do colonialismo, pois elas também protagonizam processos de resistências, tal como a prática da escrevivência.

O feminismo afro-americano de Gonzalez (2020) é uma abordagem que procura integrar as demandas das mulheres negras na América Latina, reconhecendo a interdependência entre raça, gênero e classe. A autora frisou a relevância de compreender as experiências das mulheres afro-latino-americanas dentro do contexto histórico e sociopolítico da região, buscando a transformação social e o empoderamento das mulheres negras. Ela também enfatizou a necessidade de lidar com o racismo, o sexismo e outras formas de opressão estrutural presentes na sociedade.

Pensamos que o cansaço e a exaustão que ambas as personagens sentem não são problematizados por Evaristo com o objetivo de eximi-las de suas responsabilidades maternas, mas objetivam reconhecer a urgência de humanizar essas mulheres. Nas narrativas estudadas, a escritora humaniza as personagens com maestria, nos convidando a uma reflexão mais ampla e profunda sobre a maternidade solo e a violência direcionada a esses corpos.

Acreditamos que as duas personagens representam o cotidiano de muitas mulheres negras que são discriminadas e humilhadas em nosso país. Por um lado, as mães negras solo sofrem cotidianamente uma violência sistemática e, algumas vezes silenciosa, reproduzida por instituições como a família, a igreja e o estado, segundo a concepção de violência simbólica de Bordieu (2017). Por outro lado, o abandono paterno parece ser natural, reforçando a estrutura racista e machista, bem como alimentando a solidão afetiva que atravessa principalmente o grupo das mulheres negras. Vimos que a escrevivência evaristiana traz à baila essas questões e consideramos que elas precisam ser problematizadas.



Em suma, nos dois contos selecionados, verificamos que a autora utiliza a figura da mulher negra e mãe solo a fim de desromantizar a “mãe guerreira” e incansável. Suas representações revelam seus esgotamentos físicos e psicológicos, as angústias, o amor e a preocupação com os filhos/filhas e a falta de uma rede de apoio para dar conta de tantas funções e atribuições por elas exercidas. Afinal, o seu cotidiano mostra a necessidade de Maria e Benícia trabalharem externamente, serem mal remuneradas e cuidarem da própria casa sozinha, bem como da alimentação dos filhos/as.

Acreditamos que esse olhar sensível de Evaristo para esse grupo, possibilita a problematização da realidade de várias mães negras solo brasileiras que são abandonadas por seus parceiros e se vêm obrigadas a criar seus filhos/as solitariamente. Logo, as escrituras de Conceição Evaristo trazem à tona questões de ordem social, relacionadas à vulnerabilidade da maternidade solo, as violências físicas e simbólicas, além da luta diária que faz parte da rotina de muitas mulheres negras brasileiras. Esperamos que a leitura dessas escrituras sensibilizem os leitores para as dores dessas mulheres, a fim de que essa problemática social seja superada.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária: Elefante, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado**: Literatura Brasileira Contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ARAÚJO, Verônica Souza de. **Mães da resistência**: um olhar sobre o papel do racismo no processo de adoecimento de mães militantes que perderam seus filhos para a violência de Estado. 2019. 130 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

BAIROS, Luíza. Novos Feminismos Revisitados. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 1995, vol. 3, nº2, p.458-463.

BARRETO, Ana Claudia de Jesus. **O lugar dos negros pobres na cidade**: estudo na área de risco do bairro Dom Bosco. 2010. 136 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.



BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tra. De Kühner, Maria Helena. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

CAMPOS, Andrelino de Oliveira. **O Planejamento Urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes**: discriminação étnico-racial, intervenção estatal, segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFRJ).

COSTA PINTO, Luiz Aguiar. **O negro no Rio de Janeiro**: relações de raças numa sociedade em mudança. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 44, p. 289-302, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9994>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DEIAB, Rafaela de Andrade. **A mãe-preta na literatura brasileira**: a ambiguidade como construção social (1880-1950). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima.; NUNES, Isabela Rosado. (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-151.

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 147-157.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 74-94.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 63-78, 17 dez. 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 146-153, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 11 jul. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 209-219.



EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima.; NUNES, Isabela Rosado. (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Apresentação Tom Farias. São Paulo: UniPalmares, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima.; NUNES, Isabela Rosado. (Org.). **Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 10 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima.; NUNES, Isabela Rosado. (Org.). **Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73.

GOMES, Heloísa Toller. "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro." Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 9-11.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org.) Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HOOKS, bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo: políticas arrebatadoras**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **Vivendo de Amor**. 2010. Traduzido por Maísa Mendonça. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 09 jul. 2023.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes Não Desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

MARTINS, José de Souza. **As condições do estudo sociológico dos linchamentos no Brasil**. Estud. av., São Paulo, v. 9, n. 25, p. 295-310, dez. 1995. Disponível em



<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141995000300022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 mar. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018a.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, Denílson Araújo de. Colonialidade, biopolítica e racismo: uma análise das políticas urbanas na cidade do Rio de Janeiro. In: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denílson Araújo de. (Org.). **Geografia e giro descolonial**: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2017. p. 77-116.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: DUFBA, 2013.

QUEIROZ, Ana Maria Martins. **Geo-grafias insurgentes**: corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo. Goiânia: UFG, 2017. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA/UFG).

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber - eurocentrismo e ciências sociais**: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RONCADOR, Sonia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 31, p. 129-152, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9437>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Renato Emerson dos. (Org.). Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: _____. **Questões urbanas e racismo**. Brasília: ABPN, 2012.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

